

O UNIVERSO DE UM ESCRITOR

DOUGLAS RESENDE
ESPECIAL PARA O TEMPO

Os sertões de Alagoas e Pernambuco, que Graciliano Ramos retratou em sua obra, pararam no tempo. A constatação foi feita e documentada pelo fotógrafo Tiago Santana e pelo jornalista e escritor Audálio Dantas, que revisitaram, mais de um século depois, o caminho percorrido pelo jovem Graciliano desde a cidade alagoana Quebrangulo, onde nasceu o escritor, passando, dentre outras, por Viçosa, Palmeira dos Índios e as pernambucanas Buíque e Caetés. Das excursões pelos lugares onde viveu este que é um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, nasceu o livro "O Chão de Graciliano", que será lançado hoje, em Belo Horizonte, dentro do projeto Foto em Pauta.

Não só a vida dura e seca, onde parece não haver poder político, como também a cultura do sertanejo permanecem, segundo Audálio Dantas, inalteradas na sua essência. No entanto, ao tentar encontrar "um vaqueiro Fabiano" (protagonista de "Vidas Secas"), Audálio diz que, da forma como o personagem foi concebido, essa figura está aos poucos desaparecendo. "Aquele vaqueiro encourado de Euclides da Cunha e depois de Graciliano Ramos não é mais o mesmo. Mas há outras formas de Fabiano: aquele que plantou feijão e não colheu; aquele que cuida da terra do outro e, se não sobra nada no final da colheita – o que é muito comum –, vai para o litoral. Era o mesmo com Fabiano, com a exceção de que agora ele não vai a pé, mas de carona em paus-de-arara", relata Audálio.

Embora encontrassem essas e outras diferenças – como casas com antenas parabólicas e automóveis transitando nas ruas –, "as condições sociais, a figura humana e a paisagem são as mesmas; as condições de vida se alteraram muito pouco", confirma Audálio. A prova disso está nos registros fotográficos de Tiago Santana. "Essa foi uma grande constatação que tivemos: quando andamos no sertão mesmo, parece que o tempo não mudou. Se Graciliano estivesse vivo, encontraria a mesma paisagem", comenta o fotógrafo.

Parceria

A história da produção do livro começou quando Audálio convidou Tiago a participar de uma grande exposição sobre a vida e a obra do escritor alagoano também intitulada "O Chão de Graciliano", montada, em 2003, no Sesc Pompéia de São Paulo. A exposição reuniu livros raros, objetos pessoais, documentos importantes, como as anotações que o escritor fez em sua viagem à antiga União Soviética, nos anos 50, e cerca de 40 fotos de Tiago. Depois da exposição, Audálio e Tiago decidiram dar continuidade ao trabalho e voltaram, então, a esse "chão de Graciliano" para compor uma documentação mais aprofundada do universo do escritor.

"A tentativa de registrar o universo de Graciliano hoje foi um grande desafio, que era traduzir em imagens o que o escritor representou em palavras", comenta Tiago. A obra de Graciliano é marcada pela concisão e pelo realismo na secura e sobriedade, sem muito floreio, o que, para Tiago, tem relação com "a própria essência da linguagem fotográfica", principalmente na concisão. "A fotografia é uma síntese que se resume em uma imagem, um momento", define o fotógrafo, "já experimentado nos caminhos do sertão", como escreveu o jornalista Joel Silveira no prefácio do livro. Tiago Santana nasceu no interior do Ceará, próximo a Juazeiro do Norte e já havia publicado, em 2000, "Benditos", livro que documenta a religiosidade daquela terra. "Com 'Benditos', que passei oito anos produzindo, desenvolvi e amadureci meu trabalho autoral", afirma Tiago.

E o estilo que esse fotógrafo desenvolveu é, de fato, bastante peculiar. Para começar, tal como no texto de Audálio, os registros estão centrados no homem, sendo a paisagem, segundo o próprio Tiago, "apenas um pano de fundo para os personagens". E a visão depositada sobre esse homem não o subjuga nunca pelas circunstâncias sociais em que está envolvido. "Ao mesmo tempo em que o lugar parou no tempo, trata-se de pessoas que têm uma cultura tão forte e tão rica que aprendemos muito com eles. Os personagens que moram nos lugares mais precários, encontram força para lidar com isso", comenta Tiago.

Mas o fotógrafo não quer que suas fotos sejam reduzidas a uma perspectiva apenas: "Tento fazer uma fotografia que não é muito explícita, que contém um mistério, deixa in-

"O Chão de Graciliano", livro do fotógrafo Tiago Santana e do escritor Audálio Dantas, que será lançado hoje em BH, revisita os lugares onde viveu o autor alagoano



FOTOS TIAGO SANTANA/REPRODUÇÃO

Registros de Tiago Santana mostram que quase nada mudou, meio século depois, nos sertões retratados por Graciliano

quieto e faz refletir". Segundo Tiago, no mergulho que fez na obra de Graciliano Ramos, o livro de que mais gostou foi "Infância" e, talvez por isso, haja uma atenção especial ao universo infantil, com fotos de brincadeiras de crianças e outras mais densas do ambiente familiar, como a belíssima imagem que ilustra a capa do livro.

A técnica fotográfica

As fotos que compõem "O Chão de Graciliano" são todas analógicas, feitas em 35mm, e intercaladas com panorâmicas, em 120mm – filme este que dispõe de apenas quatro exposições. "O interessante do filme em 120mm é que exige uma concentração muito grande porque são apenas quatro fotos. Ao contrário do que acontece hoje, quando no digital você pode dar milhares de cliques", explica Tiago. Ele alerta para a perda do envolvimento com o trabalho que a extrema agilidade e facilidades digitais podem trazer: "As pessoas estão mais preocupadas com o tempo do que com a densidade da realidade representada".

No estilo que desenvolveu em "Bendito" e que se estende em "O Chão de Graciliano", chama a atenção a relação das imagens de Tiago com a xilogravura – arte visual muito popular e tradicional no sertão. "Na xilogravura não existe meio tom, mas o contraste, o que reforça essa densidade, esse drama da paisagem do sertão. Além disso, a cor não funcionaria nesse trabalho, pois o preto e branco é mais forte, conciso e misterioso e tem muito a ver com a obra do Graciliano", afirma Tiago.

Memória

O texto de Audálio Dantas é um sensível trabalho de investigação que serve não só para contextualizar as imagens de Tiago, como para preservar e estimular a memória biográfica de Graciliano. Audálio, que fez parte de um importante capítulo da história do jornalismo brasileiro quando escreveu nas revistas "O Cruzeiro" e "Realidade", realizou dezenas de entrevistas com os moradores dos lugares visitados e fica patente em seu texto a grande preocupação com a memória que aqueles lugares guardam do escritor. É sintomática uma das entrevistas que fez Audálio, em que pergunta sobre quem foi Graciliano Ramos a um garoto e este responde: "Foi um homem grande, não foi? Ele era presidente?"

"A memória não é muito forte por parte do mundo oficial. O que seria essencial para manter essa memória viva, no sentido da promoção da obra, não é feito. O povo também não está muito ligado nisso. Mas é a própria presença do povo que faz com que Graciliano esteja lá. O melhor que se poderia fazer para manter a memória do Graciliano seria alterar as circunstâncias que a obra dele retratou. E isso não aconteceu", sentença Audálio.

AGENDA – Projeto Foto em Pauta com Tiago Santana, hoje, às 19h, no Museu Histórico Abílio Barreto (avenida Prudente de Moraes, 202, Cidade Jardim). Entrada franca, com lugares limitados.



Preto tórrido como o sertão

LEONARDO LARA

Tiago Santana é cearense e tem sorte. Por quê? Para começar, o sol nasce no mar e com ele vem todo o brilho da manhã. Em alguns lugares, o sol adormece na mesma linha da praia, a luz é diferente de qualquer outra parte do continente, tem uma densidade toda especial, sobram matizes vermelhas, é um prelúdio de um bom dia para o fotógrafo. A gente acorda sonhando com fotografia, em delírio. Aquele que não tem mar tem o sol visto e revisto pela terra, seca é claro, mas com a mesma força. É uma coisa estonteante, fonte da luz e das sombras que no preto-e-branco de Tiago revelam toda sua intensidade irradiada pelos caminhos que percorre.

Aliás, o preto na obra desse fotógrafo nordestino é tórrido como o sertão e invade boa parte dos fotogramas de "O Chão de Graciliano". Da forma como imprime a escuridão e a luz, o torna um mensageiro da vida crua e simples de seus personagens, que também dialogam com ele de uma forma conscienciosa. Percebe-se uma influência de Cartier Bresson

na formação do autor, mas creio que Benjamin Abrahão deve ter despertado maior interesse pelo sertão.

Já os bichos parecem povoar esse universo em abundância e passam, às vezes, a serem mais evidentes na lente do autor. Esse aspecto animal confunde com o próprio homem do sertão. O enquadramento da câmera parece cortar de forma estranha à primeira vista, mas observando as imagens desse livro, não poderia ser diferente para alguém que se propõe a fazer uma releitura de seu povo e sua história.

Tiago parece buscar algo que ele conhece muito bem e sabe onde encontrar o árido e o ávido ao mesmo tempo, reflexo de outros caminhos já percorridos como em "Benditos", em que expõe a busca pela fé desse povo. Os muitos caminhos de Tiago já lhe renderam prêmios, como o aclamado Prêmio Marc Ferrez, com o trabalho "Caminhos da Fé", ensaio sobre o povo nordestino em busca da benção de padre Cícero.

"O Chão de Graciliano" também conquistou o prêmio Conrado Wessel este ano. Agora é aguardar para ver os próximos passos. Fala Ceará!